

*Discurso na cerimônia de assinatura de convênios referentes ao projeto de conservação e revitalização da bacia hidrográfica do rio São Francisco*

**UBERABA, MG, 11 DE OUTUBRO DE 2001**

*Meu caro companheiro Aécio Neves, Presidente da Câmara dos Deputados; meu amigo ex-Governador Eduardo Azeredo; Senhores Ministros aqui presentes: José Sarney Filho, do Meio Ambiente, Roberto Brant, da Previdência e Assistência Social, Carlos Melles, do Esporte e Turismo, Ministro Interino da Integração Nacional, Pedro Augusto Sanguinetti; Senhor Senador Francisco Pereira; Senhores Parlamentares presentes; Senhor Terson Kelmam, Presidente da Agência Nacional de Águas; em nome do Prefeito de São Roque, quero saudar todos os Prefeitos; Senhoras e Senhores; esqueci do Ministro Pimenta da Veiga, porque é da minha geração. Esqueço sempre, não foi perseguição.*

Eu queria dizer da minha satisfação de vir pela segunda vez, aqui, à Serra da Canastra. Desta vez eu diria até que com um sentido ainda maior. Todos viram, todos sabem onde nasce este fantástico rio São Francisco. Nasce pequenininho, nasce ao jeito mineiro. Quase não dá a impressão de que é o grande rio. Mas, como tudo que acontece em Minas, começa por aqui e ecoa no Brasil inteiro. E o rio São

Francisco se espraia pelo Brasil e se transforma no grande rio da integração nacional.

Mas eu quis vir a Minas, como venho sempre – aliás amanhã estarei em Minas outra vez –, porque, neste momento, queria ver de perto as nascentes do São Francisco.

Vivemos dias que não são os melhores. Vivemos dias de mortes e de terror, de guerra. É bom ver a vida. Aqui, nós vimos a vida, o rio nascendo, o rio se espraizando, como disse o Ministro José Sarney Filho, na sua exposição tão densa, tão bonita, como tem feito tantas vezes desde que assumiu este Ministério. Mas é preciso pensar um pouco no que simboliza a existência de um rio como este e na preocupação com a vida. Nestes dias de aflição, devemos renovar a nossa crença na vida, na paz, na possibilidade de que todos tenhamos acesso aos bens fundamentais, que só podem ser assegurados se o desenvolvimento for sustentado, como disse o Ministro José Sarney Filho.

Portanto, vim aqui com emoção não apenas para me inspirar nesta forma mineira de ser, mas para sentir que no rio São Francisco se tira uma lição de vida. Mas, mais que isso. O Ministro foi muito enfático ao mostrar, assim como o Ministro Sanguinetti, a importância da preservação. Embora o rio nasça com essa vocação para a distribuição, para a paz, para servir a todos, se o ser humano não trabalha em cooperação com a natureza, ele se transforma no único animal capaz de destruir a vida, de uma maneira permanente, sistemática – a sua vida e a vida dos outros. É preciso que pensemos e, mais do que pensar, atuemos de modo que se preserve a vida. Isso é que é ecologia, isso é o que significa, de uma maneira mais profunda, o desenvolvimento auto-sustentado. Não é desenvolvimento, apenas, que é muito importante. Não é apenas a idéia de que vamos ter que respeitar certos limites. É a idéia de que para que isso ocorra é preciso fazer, como foi mencionado pelo Ministro Sanguinetti, uma mudança de cultura. Uma mudança de relacionamento, portanto, das pessoas entre si e das pessoas com a natureza. É isso que estamos querendo implantar no Brasil.

É esse o significado desse conjunto de ações, que é muito variável. Aqui, foram ditas algumas dessas ações, que são tantas, que nem eu mesmo me recordo. Tenho, talvez, por escrito aqui, mas não quero cansá-los lendo o que já foi na verdade dito melhor por quem mais sabe, que são o Ministro José Sarney Filho e o Ministro Sanguinetti, a respeito do que estamos fazendo aqui. Mas é um conjunto grande de ações que, no fundo, requer uma mudança de percepção, uma mudança de modo de realização, uma mudança de cultura. Leva tempo. Não é de repente.

Se me permitem, nos anos 70, eu ia muito freqüentemente à Suécia. Lá existe uma universidade, em Uppsala, que é importante. Estávamos nos preparativos dos encontros a respeito do desenvolvimento que hoje se chama sustentado. Naquela época, ainda não havia essa designação para essa forma de desenvolvimento. Mas as pessoas que se interessavam pelos problemas do desenvolvimento – e era o meu caso, como sociólogo sempre ligado aos problemas da economia – começávamos a perceber que estávamos indo para um caminho muito perigoso, que era o caminho de não respeitar os limites que a natureza impõe às transformações que o homem introduz nela.

Na época, havíamos, todos, sofrido um impacto muito grande, e até um tanto preocupante, de uma organização chamada Clube de Roma, que propôs até algo, para chamar a atenção, chamado de “crescimento zero”. Estávamos até com temor de que houvesse esse crescimento. Estávamos, então, nos anos 70, tentando modificar as questões que eram postas. Primeiro: que era preciso crescer a qualquer custo – até houve quem defendesse, no Brasil, a “bendita poluição” – para atrair capitais, para que as fábricas viessem para o Brasil. Ousaram dizer essa blasfêmia: “bendita poluição”. Havia uns assim. Outros que queriam o crescimento zero. Então, se buscava alguma fórmula que fosse de resolução dessa contradição entre o ter de crescer e o evitar que o crescimento destruísse. De lá para cá muita coisa evoluiu, a mentalidade de todos nós foi mudando.

Hoje, a questão ecológica não é um segmento à parte da vida da sociedade, um segmento à parte da administração pública. É algo

central em qualquer ato da administração pública. E deve ser central em qualquer ato de qualquer ser humano para que possamos vencer essa grande batalha, que é a de continuar vivendo num meio ambiente favorável à vida e, ao mesmo tempo, que propicie as transformações que permitam que haja crescimento e desenvolvimento. É disso que se trata hoje.

Quantas vezes, ao discutir a transposição do São Francisco, nós afirmávamos que não a faríamos se não houvesse, também, a sua preservação. Os acidentes da história e também da natureza impediram que houvesse uma aceleração na transposição do São Francisco, talvez para o bem da futura transposição. Talvez para o bem, porque agora ficou mais visível que não é possível transpor o que não existe. O rio São Francisco, disse aqui o Ministro, em Bom Jesus da Lapa, é atravessado a pé, o que é dramático. Então, as decisões estão bastantes claras. Vamos acelerar a preservação do rio São Francisco, acelerar.

Agora, essa preservação, esse amor à vida, essa compreensão nova do que seja o desenvolvimento implicam muitas atividades. Não é só através desses projetos, que já são muito importantes, que se cuida disso. O Governo Federal tem incentivado um conjunto de ações, um conjunto de projetos que se chama Projeto Alvorada.

Alvorada não tem nada a ver com o Palácio da Alvorada. Tem a ver com o renascer de uma preocupação, no Brasil, com a vida. Alvorada, no caso, significa um projeto que cuida das condições de vida, sobretudo dos mais pobres. E cuida, basicamente, de saneamento.

Através desse projeto, centenas de pequenas cidades, de municípios estão sendo alcançados. A repercussão disso é muito relativa, porque se se faz uma grande transposição, uma grande usina hidrelétrica, uma grande ponte, todo mundo toma conhecimento.

Quando se trata de fazer centenas de pequenas obras, poucos tomam conhecimento. Mas o efeito é maior do que o efeito das grandes obras, porque é um efeito permanente que atinge aqueles que mais necessitam ser alcançados por esse tipo de ação, que são os mais pobres.

A poluição do rio São Francisco, a destruição do rio São Francisco derivam, em grande parte, do fato de que, como foi dito aqui, os dejetos são lançados no rio. A poucos quilômetros dessa água pura que nasce aqui, ela já deixa de ser pura, porque dejetos são lançados ao rio. E são lançados porque as cidades não têm recursos para evitar que haja essa poluição.

O Projeto Alvorada cuida disso, porque isso é vital para que possamos continuar a fazer o que é um compromisso também de vida, que é evitar que a mortalidade infantil ceife centenas de milhares de crianças da possibilidade de viver.

Avançamos muito. Baixamos muito a taxa de mortalidade infantil, mas chegou a um ponto em que ou se faz um saneamento ou a questão não é solúvel, porque não há de ser mais por outro tipo de cuidado que se vai resolver essa questão. É preciso fazer, efetivamente, o saneamento. O Projeto Alvorada propicia condições para que ao longo do São Francisco, e não só ao deste rio, nós tenhamos ações efetivas, concretas de transformação das condições de saneamento.

Isso requer o que foi mencionado aqui: parcerias. O mundo de hoje não se faz mais sem parcerias. Quem não entender que é preciso convergir, quem pensar que por razões de quaisquer ordens, políticas que sejam, nós devemos trabalhar só com uns e não com outros, se equivoca. É um grande equívoco pensar que é possível avançar sem que, administrativamente, tenhamos a capacidade de darmos a mão uns aos outros, não importa o partido, não importa o grau hierárquico do administrador.

O Presidente não tem força suficiente sozinho para fazer as coisas. Nem o governador, nem quando eles pensam que têm. Não têm. Os governadores precisam dos prefeitos. O Presidente precisa dos governadores, dos prefeitos. E os prefeitos, o Presidente e os governadores precisam do povo, precisam das organizações sociais, precisam que haja, como foi mencionado aqui, esses conselhos de bacias para que tenhamos, efetivamente, uma consciência disseminada na população e para que o trabalho de parceria possa avançar.

Essa é a nova maneira de administrar. A nova maneira de administrar que é afim com a mentalidade moderna, que é uma mentalidade de preservação, e não é a maneira do ato insólito, isolado, não é a maneira do beicinho, não é a maneira da prepotência. Não. É a maneira das mãos dadas. É preciso que tenhamos a coragem da humildade, a coragem de perceber que quando somos arrogantes estamos prejudicando não só a nós próprios, porque estamos errados, mas nós estamos prejudicando ao povo que nos elegeu. Isso é também meio ambiente, isso é também ecologia. Civilidade faz parte do meio ambiente.

Quem não é capaz de civilidade, quem não respeita a norma, até de etiqueta, não é capaz de entender o mundo moderno, ficou para trás e não percebeu. E pensa que vai avançar. Em Minas nasce o novo, Minas tem força. É por isso que tenho tantos ministros mineiros. E aqui estão alguns deles. E não só ministros, não só o Ministro Pimenta da Veiga, como eu disse, que é da minha geração. Foi o primeiro mineiro que eu chamei. O Presidente da Câmara, que aqui está, é mineiro também. E esse não é da minha geração. E que inveja eu tenho dele. Vocês não imaginam. E ele, o tempo todo, me machuca com a sua juventude, dizendo que eu não sou capaz de fazer as coisas de que ele é na política.

E não são só os ministros. Está aqui o Senador Francelino Pereira. Aí, estamos taco a taco na geração. O Senador Francelino representa tão bem o político mineiro! O político mineiro não é o homem que fica, a todo instante, proclamando o que faz. Ele, discreto e docemente, mas com posições, vai atuando. Ele é o exemplo de tantos deputados e senadores de Minas Gerais com os quais eu conto.

Na nossa administração, também o Secretário-Geral do Meio Ambiente, que aqui está presente, que já falou conosco, é mineiro também. E há muitos que nos estão ajudando nessa transformação do Brasil.

Hoje, fiquei muito satisfeito porque aqui estão Procuradores. Nós não vamos poder avançar se nós não tivermos também quem vigie as regras em nome da sociedade. Quem vigie, em nome da sociedade, os

próprios mandatários. Quem vigie, em nome da sociedade, o funcionamento das instituições.

Falei tanto de mineiros e não há mineiridade maior do que a que está encarnada no ex-Governador Eduardo Azeredo.

Mas voltando ao nosso tema, eu queria lhes dizer que sou muito confiante nas transformações que estão ocorrendo em nosso país. Essa nova mentalidade, discretamente, vai-se instaurando no País. Tenho a convicção de que, a despeito do que está acontecendo, em muitas regiões se vê, e se vê com preocupação, que, efetivamente, é preciso trabalhar mais e mais.

Quem imaginava, quando estive aqui há quatro anos ou cinco anos, e eu encontrei aqui o Manuelzão. Quem imaginava? Tenho uma fotografia dele comigo lá no Palácio do Planalto, na minha ante-sala. Quem imaginava que hoje ele seria nome de um programa? E de um programa que vai ser cumprido. Quantas vezes, lá na minha cidade de Buritis, onde estou com muita frequência, quantas vezes, ao ver aquelas veredas, aqueles buritis que por lá existem também, não penso no Guimarães Rosa, não penso nessa força telúrica desta região das Gerais e não me recordo de que é um dever moral, é um imperativo de consciência manter nossos buritis como símbolo de que a água está nascendo e evitar que quando se use, como se tem de usar mesmo, a água para irrigação que esse uso seja feito com descaso, que não se preste atenção que muitas vezes se está prejudicando o rio ali mais adiante.

Quando se está fazendo um desmatamento para plantar, se esquece de que é preciso tomar cuidado no desmatamento porque ele vai matar a vida mais adiante; pode propiciar uma vida momentânea ali, no grão que se planta, mas está impedindo que os rios continuem a correr. Esse é o sentimento pelo qual eu trabalho, e é o sentimento que tenho e renovo cada vez que posso. Quando estou em Buritis, nas minhas Minas Gerais, vejo o quanto temos de responsabilidade moral para fazer com que o crescimento do Brasil, que é indispensável, que a nossa posição firme nos pólos internacionais, que é indispensável, sejam também renovadores. E renovador quer dizer nunca

esquecer que o objetivo de tudo é a manutenção da vida, é a garantia da paz, é a preservação, portanto, dos nossos valores mais fortes, o principal dos quais é o respeito à natureza.

Hoje, é um dia de respeito à natureza. Hoje é um dia mineiro, e, por isso, é um dia brasileiro. Viva o meio ambiente!